



PULSAÇÕES E
DESDOBRAMENTOS

VOZES FEMININAS



PULSAÇÕES E DESDOBRAMENTOS
VOZES FEMININAS

MARISTELA SALVATORI E DANIELA KERN
ORGANIZADORAS

PORTO ALEGRE
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Reitor Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitora de Extensão Sandra de Deus
Pró-Reitor de Pesquisa Rafael Roesler
INSTITUTO DE ARTES
Diretor Raimundo José Barros Cruz
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
Chefe Marina Polidoro
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS
Coordenador Paulo Silveira

Projeto gráfico Samuel Isatto
Fotografias capa Maciel Goelzer, dobras Caroline Veilson

Impressão Gráfica da UFRGS

© dos autores – 1ª edição 2020



APRESENTAÇÃO

Pulsações e desdobramentos: vozes femininas apresenta produções visuais e produções textuais de acadêmicas vinculadas ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Um rápido olhar e percebemos que somos muitas em número, entre estudantes, egressas e professoras, porém, também é fácil perceber que há pouca visibilidade da produção intelectual das mulheres, traduzida na restrita presença em exposições como artistas e/ou presença em livros como autoras.

Nos somamos aos múltiplos esforços que temos assistido no sentido de dar mais visibilidade a estas vozes. O Grupo de Pesquisa Expressões do múltiplo, UFRGS-CNPq, dedica-se a investigações sobre processos e a experimentações poéticas em gravura, vídeo, fotografia, entre outras possibilidades de desdobramento da imagem, considerando cruzamentos e contaminações de meios e agrega um número significativo de artistas mulheres, pesquisadoras e estudantes ou egressas, com expressiva produção poética, algumas delas explicitamente focadas sobre questões de gênero. A parceria e cumplicidade com o Grupo de Pesquisa Arte e Historiografia, UFRGS-CNPq, e com acadêmicas vinculadas aos cursos de História, Teoria e Crítica de Arte, da UFRGS, permitiu um frutífero diálogo.

Entre os ensaios visuais aqui apresentados Alice Porto e Carla Borba trazem abordagens explícitas de artimanhas do poder, Alice expõe criticamente imagens realizadas com base em registros fotográficos das Marchas das Vadias no Brasil, enquanto Carla, em colaboração com Carina Dias, utiliza o recurso da performance, apropria-se

de eletrodomésticos e objetos variados estabelecendo campos de disputa e polaridades. Objetos do “universo feminino” e objetos de pequena dimensão também são mote para Roseli Nery que, pela assemblage, os transforma e estabelece espaços de tensão. De sua parte, Natasha Kulczynski dá segmento ao trabalho iniciado com a raspagem de seu cabelo, este elemento tão forte de identidade feminina e mesmo fetiche.

Helena Kanaan, pela evocação do púbis, traz “o corpo, atrações e repulsas.” Seu “Frio, calor, umidade e ventos, Cores, cheiros, sementes e flores [...] seus estados de latência e dormência.”¹ Já Sara Winckelmann trabalha com reminiscências do convívio com a avó e suas estórias, incorporando também o bordado como recurso mnemônico deste universo.

O corpo é uma forte referência nos ensaios de Flavya Mutran e de Mariane Rotter. Nos arquivos fotográficos de Flavya, imagens projetadas em espelho desvanecem e misturam-se a paisagens virtuais, resultado da fusão de imagens auto-referências encontradas na web, enquanto Mariane problematiza seu ponto de vista em (auto)retratos em banheiros diversos, focando com smartphone espelhos que nem sempre alcançam seu rosto.

Nestes ensaios ainda encontramos diferentes aspectos da paisagem e da natureza. Em Maristela Salvatori nos deparamos com a tensão do mar e do movimento das correntes e ondas e suas formas gráficas. O jogo com nosso olhar e a micro-paisagem é estabelecido por Luiza Reginatto ao aproximar fragmentos de uma fotografia de paisagem e de uma litografia representando um tecido modelado tal qual colinas ao longe. Em Márcia Sousa descobrimos uma paisagem construída que busca remeter

1 Estas e as demais citações desta apresentação são declarações, via email, das próprias artistas às organizadoras, em agosto de 2019.

ao “extremo, acentuado, de intensidade ou grau máximos, [...] relativo ou favorável a mudanças sociais profundas, completas”, ao passo que Caroline Veilson recolhe e perpetua, pelo processo Marrom de Van Dyke e pela monotipia, flores e folhas pacientemente coletadas, realizando uma espécie de inventário de suas errâncias. Finalmente, o ensaio de Paula Almozara apresenta uma fotografia que se desdobra numa série de pequenas variações e que se constitui “como um dispositivo que discute a ‘ordem’ e o ‘poder’ da narrativa estabelecida por referências a elementos de orientação geográfica (S, de Sul; N de Norte) e da imagem fragmentada de uma paisagem.”

Constitui o corpo de textos ainda um conjunto de artigos em que teóricas da arte atuantes ou egressas do Instituto de Artes se debruçam sobre os trabalhos das artistas aqui apresentadas, levantando questões instigantes sobre seu fazer artístico. É assim que Joana Bosak de Figueiredo joga entre os múltiplos significados das vestes e das vulvas de látex ao investigar os sentidos da pele na obra desenvolvida por Helena Kanaan. Ana Priscila Costa, a seu tempo, estuda a poética presença das coisas nas obras concebidas por Roseli Nery, o modo como essa verdadeira “população de objetos” manipulada pela artista se torna, para nós, matéria de pensamento. Thiane Nunes desvela, ao olhar dialogicamente para o trabalho de Mariane Rotter, estruturas sociais que costumam forjar a construção da identidade das mulheres, mostrando como a artista, engenhosamente, as questiona. Rosane Teixeira de Vargas, por sua vez, investiga os usos do tempo nos trabalhos de Natasha Kulczynski, o modo como o tempo dita os ritmos da construção da identidade feminina, o modo como a artista desnuda essa mesma construção. Lívia Auler, enfim, propõe uma leitura feminista provocadora para a obra de Alice Porto, ressaltando seu caráter sarcástico, irônico, seu humor ácido sobre a presença masculina em

movimentos de reivindicação política de mulheres. Esperamos que este conjunto de textos e trabalhos, cuidadosamente costurados e urdidos, venha a contribuir para as discussões crescentes (e cada vez mais necessárias) sobre o papel e o lugar das mulheres no sistema acadêmico das artes em particular, e no mundo artístico em geral.

Maristela Salvatori e Daniela Kern